

VARIAÇÃO DIAMÉSICA NA PRODUÇÃO ESCRITA DE CRIANÇAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA

Israela Débora Sousa Silva ¹
Maria da Guia Taveiro Silva ²

RESUMO

Fatores sociolinguísticos relacionados às práticas de leitura e escrita coexistem no processo de alfabetização. Em virtude disso, produções escritas de crianças entre 10 e 11 anos de idade, ainda em processo de aprendizagem da escrita, demonstram frequentes manifestações de variações linguísticas; entre elas, a variação diamésica, que constitui o foco de análise deste trabalho. Todavia, a concepção de “deficiência linguística”, que rotula os estudantes como incapazes e deficitários por produzirem textos afastados da norma padrão, ainda persiste no imaginário escolar do ensino fundamental, criando um espaço para a proliferação de preconceitos linguísticos e desinformações no cenário do ensino de língua materna. Por isso, tornou-se necessário realizar uma análise sociolinguística na produção escritas de crianças em idade escolar, com o objetivo de sistematizar aspectos variacionistas, frequentemente considerados errôneos, compreendendo-os como efeitos da variação diamésica, relacionada à indistinção dos alunos entre os meios falado e escrito. Para o embasamento teórico deste trabalho, foram utilizados os pressupostos de Soares (2000), Bagno (2006), Marcuschi (2010), Urbano (2011), Coelho et al. (2015) e Bortoni-Ricardo (2021). A análise da variação diamésica nas produções escritas de crianças nessa faixa etária permitiu inferir os seguintes resultados: (a) a escrita de crianças entre 10 e 11 anos apresenta traços recorrentes da oralidade; (b) é possível analisar sociolinguisticamente as variações presentes nos textos escritos, uma vez que grande parte do que é produzido na fala é transposto para a escrita. A relevância deste estudo se dá por poder contribuir com o processo de ensino-aprendizagem, com foco na compreensão das variáveis que intervêm no processo de alfabetização é fundamental para promover o amadurecimento da visão docente frente aos fenômenos sociolinguísticos, contribuindo para uma relação mais respeitosa entre professor e aluno no contexto do ensino de língua materna.

Palavras-chave: Aprendizagem da escrita; “Deficiência Linguística”; Ensino-aprendizagem; Variação Diamésica.

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar é o cenário mais dinâmico no contexto de relações da fala com a escrita. Os alunos e os professores trazem em suas falas características próprias que revelam suas identidades, culturas e comunidades de pertencimento. Ainda que a escola seja o espaço para o aprendizado sistematizado da língua e de outras disciplinas, há nela seres humanos com

¹ Graduando do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, israela.silva@uemasul.edu.br;

² Professor orientador: Doutora, Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, maria.silva@uemasul.edu.br.

realidades e características distintas, que necessariamente precisam de atenção quando se trata do processo de ensino-aprendizagem. Trata-se de ter um olhar humano para as atividades humanas que envolvem a linguagem, visto que “[...] a educação é uma atividade específica dos seres humanos, se ela coincide com o processo de formação humana, isso significa que o educador digno desse nome deverá ser um profundo conhecedor do homem” (Saviani e Duarte, p. 37, 2021).

Conhecer o homem, no contexto de ensino, implica estudar e pesquisar formas para que o aluno comprehenda o sentido do conteúdo de ensino. Isto é, que o aluno consiga atrelar o seu conhecimento e experiências adquiridas no mundo para a sala de aula, o seu sotaque, a sua condição social e a sua cultura. Para que todos esses elementos possam agir cooperativamente em função do aprendizado da língua materna e da formação cidadã.

Todavia, em contextos de ensino de língua portuguesa, na maioria das vezes, a norma gramatical é supervalorizada em detrimento da linguagem em uso. Essa abordagem pode prejudicar a compreensão e o aprendizado do aluno em relação a sua língua, criando um déficit quanto à diferenciação dos aspectos da fala e da escrita. Contribuindo para que a centralidade do aluno seja transferida para conteúdo de ensino, formando lacunas no processo de associação de significados entre conteúdo escolar e vivência social.

Diante do exposto, torna-se necessário traçar um estudo interdisciplinar que abranja sociolinguística e didática. Porquanto o ensino da língua envolve aspectos que estão diretamente ligados à prática educativa, ao processo de ensino-aprendizagem e à vida social do aluno, conforme Libâneo (2002). A qualificação do sujeito docente enquanto mediador no processo educativo, é fundamentado mediante constante busca e aperfeiçoamento no que diz respeito ao conteúdo de ensino e às condições dos estudantes para um aprendizado consciente (Freire, 1996).

Assim, é essencial analisar fenômenos de variação linguística recorrentes em produções de crianças em fase de aprendizagem da escrita. Uma vez que, implica maturação à mentalidade educativa, e um reposicionamento de atitude do professor para com o estudante, que também precisa conhecer a dinâmica de sua própria língua.

Esse trabalho busca contribuir qualitativamente em relação à construção de uma mentalidade consciente do professor, em relação ao conteúdo de ensino, e na compreensão do estudante em fase de aprendizagem da escrita. Os teóricos utilizados neste estudo são: Soares



(2000); Bagno (2007); Marcuschi (2010); Urbano (2011); Coelho (2018); e Bortoni-Ricardo (2021).

Conforme aponta Soares (2000), ainda predomina, no imaginário escolar, uma concepção que associa à “deficiência linguística” toda manifestação que se distancia da norma culta. O estudante, ao empregar uma variedade não padrão, frequentemente estigmatizada, é rotulado como incapaz, como se sua competência comunicativa estivesse comprometida. Tal perspectiva, no entanto, revela-se equivocada, pois ignora o caráter dinâmico das línguas naturais.

É imprescindível, portanto, que os desvios da norma sejam abordados com respaldo teórico, capazes de serem reconhecidos por parte do professor como fenômenos recorrentes e legítimos no processo de alfabetização. Quando devidamente analisados em sala de aula, esses desvios podem constituir-se como instrumentos pedagógicos valiosos, favorecendo a ampliação da consciência linguística dos alunos e promovendo uma compreensão crítica acerca da variação linguística.

É fundamental aos professores de ensino fundamental das séries iniciais e finais, perceberem esses fenômenos como um conjunto de ocorrências variacionistas, que são condicionadas pela faixa etária e como um fenômeno presente em todo o processo de aprendizado da língua materna, que se dá enquanto há vida, tanto na oralidade quanto na escrita.

Assim, a variabilidade presente na fala é transposta para a escrita e não pode ser considerada um “erro”, conforme Bagno (2007), mas um fenômeno exclusivo da linguagem humana, viva e dinâmica. Vale salientar que o foco deste trabalho não é validar os desvios da norma no processo de aprendizagem da escrita, mas sim viabilizar uma perspectiva sociolinguística que proporcione maneiras diferentes de abordagem e análise dos desvios gramaticais.

Além de possibilitar uma visão mais panorâmica ao professor, capaz de utilizar os desvios da norma encontrados nas produções dos estudantes para lhes explicar a influência e características da fala na escrita, assim como as diferenças entre os meios utilizados para a sua representação, conforme aponta Marcuschi (2010), e como elas se relacionam no processo de aprendizagem da escrita.

METODOLOGIA



A pesquisa é qualitativa de cunho etnográfico, de campo, com análise de produções textuais de crianças em fase de aprendizado da escrita, na faixa etária de 10 a 11 anos. A análise, foi iniciada a partir de uma asserção geral, que considera a língua escrita em grande parte, resultado daquilo que é produzido oralmente. Esse fenômeno, conceituado como variação diamésica, possibilita a compreensão de variáveis que intervém o processo de aprendizagem da escrita- a transposição da fala para a escrita, revelando um *continuum* linguístico.

A base teórica utilizada na análise dos textos vem dos estudos de Coelho *et al.* (2018). Os textos foram analisados sob três parâmetros: a descrição dos fenômenos, a identificação da variante e o nível linguístico. E a transposição da oralidade para a escrita, que vem da teoria de Marcuschi (2010).

A coleta de dados foi feita em uma classe de crianças de escola bíblica dominical, em contexto de não monitoramento, para favorecer a escrita mais natural e espontânea possível das crianças em questão.

A observação foi feita com a intenção de notar a similaridade da fala deles com as produções escritas. A última etapa se constituiu na comparação dos fenômenos observados na língua falada e na língua escrita das crianças envolvidas na pesquisa, a fim de se realizar uma descrição dos fenômenos presentes e observar quais condicionadores ocasionaram as variações.

A pesquisa foi conduzida em uma igreja cristã, localizada na cidade de Governador Edison Lobão, no Maranhão. A turma selecionada para a elaboração dos textos é composta por crianças da faixa etária de 8 a 11 anos. Porém, somente três crianças foram escolhidas, com 10 e 11 anos de idade, sendo dois meninos e uma menina, para terem seus textos analisados. A condição social das crianças envolvidas varia entre classe baixa e classe média. Ambos estão em séries iniciais do ensino fundamental, e frequentam regularmente a escola bíblica dominical.

Para a construção dos dados, a cada domingo, era apresentada uma lição e, ao final da aula, era solicitado que elas produzissem um texto escrito, com suas próprias palavras, sobre a lição do dia, sem recorrer ao material didático.

Após a aula, as crianças entregavam os textos, sem receber correção ou feedback sobre o que haviam produzido. Essa atividade visava reforçar o conteúdo aprendido em sala, sem o objetivo de avaliar as habilidades gramaticais dos alunos. O propósito era analisar como a

transposição da fala se manifestava na escrita, dependendo da situação comunicativa em que o texto foi produzido.

REFERENCIAL TEÓRICO

A sociolinguística é a ciência que estuda a língua como um fenômeno social, dinâmico e heterogêneo. Nesse campo, torna-se essencial compreender os conceitos que orientam a análise dos fenômenos de variação, uma vez que a linguagem não é homogênea nem estática, mas sim marcada por múltiplas formas de realização que refletem fatores sociais, regionais, históricos e situacionais.

Segundo Mollica et al. (2020, p. 9), “a sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente.” Essa perspectiva rompe com a visão normativa da língua, que tradicionalmente privilegia a variedade culta como única forma legítima de expressão, desvalorizando outras formas de uso linguístico que, embora diferentes, são igualmente estruturadas e funcionais em seus contextos sociais.

Nesse sentido, é imprescindível distinguir os conceitos de variação e variedade linguística. A variação refere-se às diferentes formas de dizer a mesma coisa dentro de uma mesma língua, influenciadas por fatores como região geográfica, faixa etária, nível de escolaridade, gênero, entre outros, conforme Coelho et al. (2015). Já a variedade linguística diz respeito a um conjunto relativamente estável de traços linguísticos compartilhados por um grupo de falantes, como o dialeto regional, o socioleto ou o registro formal/informal (Bagno, 2006).

Ao considerar os desvios da norma padrão não como erros, mas como manifestações legítimas de outras variedades linguísticas, o educador amplia as possibilidades de intervenção pedagógica e promove uma educação linguística mais democrática. Como destaca Bortoni-Ricardo (2004), que é papel da escola desenvolver a competência comunicativa dos alunos, o que inclui a capacidade de transitar entre variedades da língua, compreendendo seus usos e funções sociais.

É visível na interação dos indivíduos o uso variado da língua. O uso materializa-se na fala, que é a apropriação e adequação que o sujeito faz da sua língua. Segundo Coelho et al (2015, p. 14), a língua não está restrita a uma única forma, pois o dinamismo das relações humanas guia um constante processo de empregos da língua em determinados contextos. A



isso dá se o nome de *variação*, propriedade de toda língua humana, responsável pelo ajustamento e reconhecimento de variadas formas dentro de seus contextos em contato com a sociedade.

A variação visível na língua falada também se transpassa para a escrita, visto que a escrita complementa a linguagem oral, conforme Marcuschi (2010, p. 16). Contudo, não se deve confundir os sistemas oral e escrito, pois ambos apresentam distinções significativas quanto às propriedades que os caracterizam. Ao considerar a escrita como uma “prática social”, incorpora-se a ideia de que ela interage com a fala de forma compatível, como ocorre com toda atividade de natureza social. Segundo Marcuschi (2010, p. 16):

[...] será fundamental considerar que as línguas se fundam em usos e não o contrário [...] pois o que determina a variação linguística em todas as suas manifestações são os usos que fazemos da língua. São as formas que se adequam aos usos e não o inverso.

A variação linguística é, evidentemente, produto do uso. Diante disso, comprehende-se que a prática da escrita ocupa uma posição secundária em relação ao uso da língua. Entretanto, Marcuschi (2010, p. 25) afirma que ambas as práticas discursivas possuem propriedades diferentes, que a priori, não concorrem.

Teoria do Déficit Linguístico

Na mentalidade escolar, há uma teoria para a explicação dos fenômenos de variação linguística. Entende-se a partir da “teoria do déficit linguístico”, que à não adequação imediata aos padrões normativos da língua equivale a qualificar o estudante como um ser “deficiente” de alguma capacidade intelectual. Dessa forma, as manifestações divergentes da forma considerada “certa” são hipoteticamente a razão pela qual o estudante não consegue se adequar ao nível linguístico adequado.

Essa teoria perpassa o preconceito de que a pobreza está associada à falta de capacidade cognoscitiva de aprender determinado conteúdo escolar. Segundo Soares-(2000, p. 20) “a teoria da deficiência cultural afirma que a as crianças das camadas populares chegam à escola como uma linguagem deficiente, que as impede de obter sucesso nas atividades de aprendizagem: seu vocabulário é pobre [...].” Diante disso, é necessário compreender os riscos que essa mentalidade oferece ao professor, em particular ao professor que trabalha com crianças em processo de aquisição da linguagem.

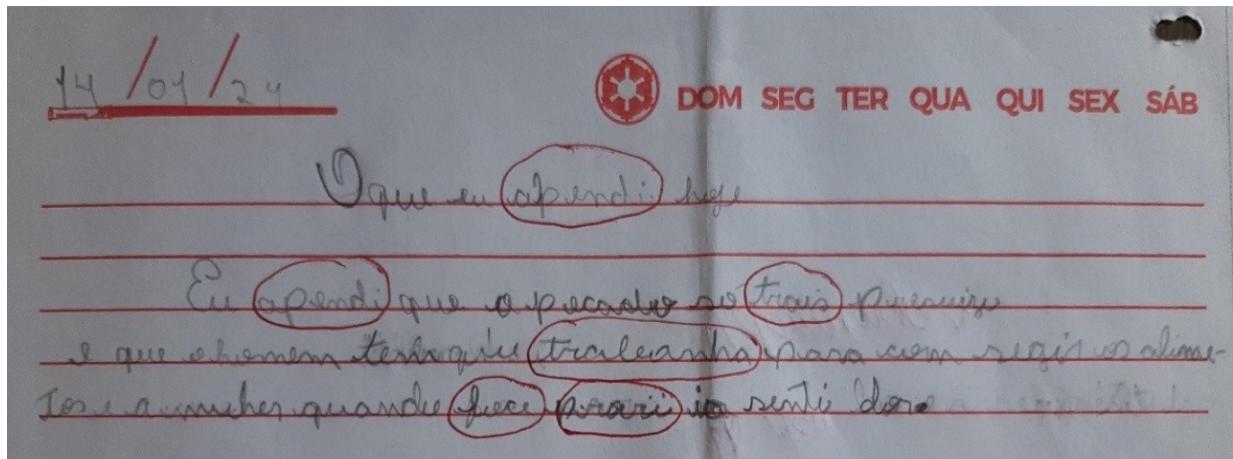
Logo, para contrapor o posicionamento preconceituoso em relação ao aluno, é fundamental entender a função social da linguagem. O posicionamento imaturo do professor ao professar palavras como: “você não sabe falar direito” ou “você não sabe escrever” e a utilização de métodos compensatórios, só irão gerar isolamento e evasão escolar.

A análise das produções escritas das crianças baseou-se na teoria da concepção, (Urbano, 2011), visto que, a situação comunicativa de “escrituralidade” estabeleceu-se em um ambiente mais informal e menos restrito, sem monitoração aparente com relação às normas gramaticais, por se tratar de um ambiente religioso, o ensejo não poderia vagear por outros focos, senão o ensino da lição proposta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os textos seguintes foram produzidos pelas três crianças escolhidas, em domingos diferentes e referem-se as histórias bíblicas de Caim e Abel e da torre de Babel, contidas no livro de Gênesis da Bíblia Sagrada.

Texto 01 - Criança 01 (11 anos)



Texto 02 - Criança 02 (10 anos)



houve em **aprendi** que o orgulho **é** um dos piores pecados pois o orgulho tem 3 variadas raízes demais

Texto 03 - Criança 03 (11 anos)

A história fala sobre o BABEL

→ Um certo dia um Homem teve a ideia de fazer uma torre até o céu. Ai ele fez a torre muito orgulhosamente que ela ~~era~~ ficaria grande e queria ser famosa. O BABEL é o nome de confusão. Deus **DESTRUIU** fazendo as línguas deles se mudarem e foi para lá de **outro** para **outro**.



Discussão dos textos

As variantes encontradas nos textos das crianças foram categorizadas com base nos três parâmetros de Coelho *et al.* (2018, p. 53): Forma variável, variável encontrada e nível de variação.

TEXTO 01		
Descrição da forma variável	Variável encontrada	Nível linguístico
Pronome indefinido com o auxílio do pronome expletivo “o”	<i>Oque</i> , em vez de “o que”	Sintático
Supressão do fonema /r/	<i>Apendi</i> , em vez de “aprendi”	Fonológico
Apagamento de sinal marcador de tonicidade	<i>So</i> , em vez de “só”	Fonético-fonológico
Inserção de vogal em sílaba (epêntese)	<i>Trais</i> , em vez de “traz”	Fonético-fonológico
Troca de morfema “j” por “s” e apagamento de sinal marcador de tonicidade	<i>Presuizo</i> , em vez de “Prejuízo”	Morfonofonológico
Assimilação dos fonemas /lh/ e /nh/; supressão do morfema “r”, indicador de verbo no infinitivo.	<i>Trabanha</i> , em vez de “trabalhar”	Morfonofonológico
Verbo no infinitivo separado em decorrência da pausa prenunciativa do encontro consonantal “m” e “s”.	<i>Com seguir</i> , em vez de “conseguir”	Sintático
Sonorização devido a assimilação dos sons /s/ e /c/	<i>Foce</i> , em vez de “fosse”	Morfonofonológico
Transposição do fonema /r/	<i>Prari</i> , em vez de “parir”	Morfonofonológico
Supressão do “r” e adição do termo “ia”	<i>Ia senti</i> , em vez de “sentiria” ou “ia sentir”	Morfossintático

É possível identificar uma recorrência maior de variação nos níveis morfonofonológico e fonético-fonológico. Na fala, diferente da escrita, não há um marcador de tonicidade visível e as crianças, em processo de aprendizagem da escrita, tendem a mesclar os sistemas fala/escrita, tornando a escrita uma representação exata da fala. Isso revela as variações existentes na fala da criança, que ora adiciona, ora reduz, morfemas e fonemas, no processo de decodificação dos sons.



TEXTO 02		
Descrição da forma variável	Variável encontrada nas narrativas	Nível linguístico
Supressão do morfema “r”	“Apendi”, em vez de “aprendi”	Morfonológico
Ausência de marcador de tonicidade ao verbo é, tornando-o uma conjunção aditiva.	“e”, em vez de “é”	Fónetico e Sintático (interface)
Acréscimo desnecessário de marcador de tonicidade	“tráz”, em vez de “traz”	Fonético
Apagamento de sinal marcador de tonicidade	“varias”, em vez de “várias”	Fonético
União desnecessária de preposição com adjetivo	“demau”, em vez de “ruins” ou “de mal”	Morfossintático

Paralelo aos níveis morfonológicos, também há uma crescente variação sintática, acredita-se que essas estejam mais relacionadas a condicionadores externos, tais como: grau de escolaridade dos pais e condição social, visto que, a condição socioeconômica da criança também exerce influências na maneira como ela fala e se expressa, conforme Bagno (2010, p. 126). Dessa forma, o conhecimento de mundo do estudante é o que é base referencial no momento da transcrição da fala para a escrita, isso, porque o estudante não reconhece ainda as características próprias de cada meio, e tende a fundir os usos, o que é absolutamente aceitável.

TEXTO 03		
Descrição da forma variável	Variável encontrada	Nível linguístico
Adição de termo coloquial	“e ai” em vez de “e”	Discursivo
Inarticulação silábica	“tava” em vez de “estava”	Morfonológico
Concordância verbal	“tava muito orgulhosos”, em vez de “estavam muito orgulhosos”	Morfossintático
Uso desnecessário do pronome definido	“ela a torre”, em vez de “a torre”	Morfossintático
Ausência de marcador de tonicidade ao verbo é, tornando-o uma conjunção aditiva.	“e”, em vez de “é”	Fónetico e Sintático (interface)
Sonorização, associação dos sons de /l/ e /u/	Destruil, em vez de “destruiu”	Fonológico
Concordância verbal	“as linguas deles se mudar”, em	Morfossintático



	vez de “as línguas deles mudarem”	
Concordância verbal	“e foi”, em vez de e “e foram”	Morfossintático
Concordância nominal	“uns pro lado e outro pros outor”, em vez de “uns para um lado e outros para o outro”.	Morfossintático

Diante dos textos apresentados, é possível perceber algumas variações linguísticas nos níveis morfológicos, fonológicos, fonético-fonológicos, morfofonológicos e morfossintáticos. Observa-se que grande parte das variações ocorre pela transposição da fala oral para a escrita. Isso destaca a dificuldade que os falantes têm, especialmente as crianças em fase de aprendizagem da escrita, com palavras que possuem sons semelhantes ou aquelas que são marcadas pela tonicidade na fala, e acento na escrita, podendo ser classificados como fenômenos de variação diamésica, pelo fato de estarem estreitamente ligados ao meio falado e as suas influências para o meio escrito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se, a partir da produção textual das crianças de 10 a 11 anos, que a compreensão e decodificação dos sons e palavras é representada graficamente, no processo de aprendizagem da escrita. Alguns dos textos analisados são *híbridos* e têm características da língua falada e escrita, concomitantemente (Urbano, 2011). Dessa forma, pôde-se perceber que o hibridismo presente nesses discursos escritos em grande parte é condicionado pela faixa etária, visto que, os textos analisados pertencem a crianças em fase de aprendizagem da escrita.

A variação na escrita é resultado da variação na fala, a forma como algumas crianças escrevem é, geralmente, a forma utilizada na fala. É compreensível, portanto, encontrar essas características em textos de alunos de séries iniciais e finais do ensino fundamental. Visto que eles ainda não conseguem fazer distinção entre fala e escrita. Crê-se que ambas são formas de comunicação e expressão, não havendo necessidade de adequação à normas e padrões pré-estabelecidos, o que deve ocorrer à medida que vão avançando na aprendizagem.

A análise da escrita das crianças em relação às variações linguísticas evidenciou a existência de um *continuum* entre fala e escrita, conforme aponta Marcuschi (2010). Diante desse cenário, torna-se relevante compreender os fenômenos linguísticos e as nomenclaturas



que os designam, a fim de que o professor, em sala de aula, possa reconhecer e lidar adequadamente com as variações linguísticas.

Todos os desvios em relação à norma gramatical identificados nas produções dos estudantes foram classificados segundo as designações previstas nos estudos sociolinguísticos sobre variação linguística. Essa classificação revelou que não se trata essencialmente de sistemas distintos, mas de diferentes formas de representar o mesmo conteúdo mental, influenciadas por fatores internos e externos à língua, que moldam a assimilação de palavras e sons conforme os condicionadores linguísticos e as situações comunicativas.

Com isso, o objetivo da pesquisa foi plenamente alcançado: foi possível demonstrar que os fenômenos de variação presentes na escrita infantil não são aleatórios, mas seguem padrões reconhecíveis e sistematizáveis, permitindo ao professor uma leitura mais crítica e contextualizada das práticas linguísticas dos alunos.

É fundamental se saber conciliar a prática linguística com a teoria linguística, certamente o professor precisa ensinar a norma, mas também não pode esquecer-se do respeito à variedade (Soares, 2000). Não compreender a diferença dialetal dos alunos é privar-se a uma visão baseada em estereótipos que menosprezam a variação, e, portanto, é tornar-se leigo em relação aos estudos sociolinguísticos.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. 48º e 49º ed. São Paulo: Loyola, 2007. E-book. Disponível em: <http://groups.google.com/group/digitalsource>. Acesso em: 23 ago. 2024.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Português brasileiro, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2021.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N. de.; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf; CALDAS, Raoni; URBANO, Hudinilson. Linguagem da imediatidate – linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua. Linha D'Água, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 153–174, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/55677>. Acesso em: 23 ago. 2024. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v26i1p153-174.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010.



X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

MOLLICA, Cecilia Maria (Org.). Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: _____. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** 4^a Ed. São Paulo: Contexto, 2020. cap.1, p. 9-14.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social.** 17^a Ed. São Paulo: Àtica, 2000.

URBANO, Hudinilson. **A frase na boca do povo.** São Paulo: Contexto, 2011.